A superação das idolatrias – a religiosidade na cultura nova lógico-qüinqüitária

Luiz Sergio Coelho de Sampaio

Rio de Janeiro, novembro de 1999

Sumário

Introdução
1. A lógica ressuscitada e a instituição de um eixo ontológico aberto
2. Superação da idolatria com o advento da cultura nova lógico-qüinqüitária
3. A cotidiana, embora desapercebida, "experiência da ausência" do transcendente
4. Afinal, Deus depois do adeus às idolatrias
5. Antecipações – a Revelação Cristã e a Confirmação (e exagerações) do Dogma Mariano

A superação das idolatrias – a religiosidade na cultura nova lógico-qüinqüitária

La religion, en tant qu'elle est une préoccupation ultime, est la substance qui donne son sens à la culture, et la culture est la totalité des formes à travers lesquelles la préoccupation fondamentale de la religion peut s'exprimer.
Paul Tillich – Théologie de la Culture

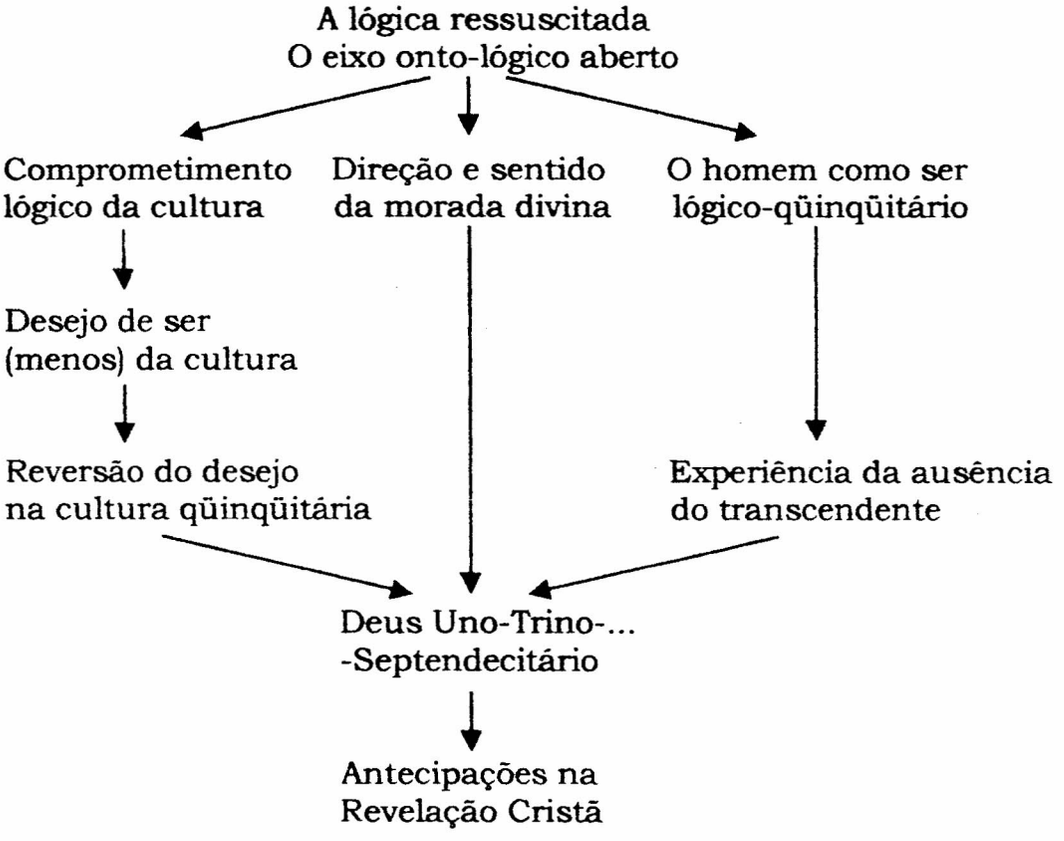
Introdução

Toynbee ([1]), o eminente historiador britânico, já discriminava vagas civilizatórias alternantes, ora espiritualistas, ora materialistas; Paul Tillich ([2]), o preclaro teólogo teuto-americano da cultura, faz discriminação similar, opondo culturas do tempo e do espaço; nós ([3]), tomando como exclusivo parâmetro a lógica, as denominamos, respectivamente, culturas lógico-identitárias – dos bandos de caçadores/coletores do paleolítico (pré-I), judaica (I) e cristã patrística (I/D) – e culturas lógico-diferenciais – neolítica, dos impérios de base agrícola da antigüidade (pré-D), greco-romana (D) e científica ou moderna (D/D=D/[2]) ([4]). Por este simples vai e vem histórico e tendo-se ainda em consideração o caráter cínico materialista contábil da Modernidade, podemos de pronto inferir que a esta última irá suceder uma cultura da linhagem lógico-identitária, vocacionada para a temporalidade e para a conquista de um superior patamar de espiritualidade, a que denominamos cultura nova lógico-qüinqüitária (I/D/D=I/D/[2]).

Esta cultura nova, portanto, nos deverá trazer de volta a preocupação, a vera, com o transcendente e lá pelos seus confins, com o Absoluto. Nela veremos a

revivescência de uma autêntica e consistente religiosidade, devendo-se atentar, contudo, que ela estará ressurgindo integralmente renovada em seus fundamentos e em suas práticas, o que não pode ser de modo algum confundido com a *ola* carismático/midiático/supermercadológica que infesta hoje os interstícios, desvãos e madrugadas da cultura científica dominante.

Nosso propósito aqui será o de tentar explicitar as preliminares deste renascimento teológico e penetrar, um pouco que seja, em sua significação mais profunda. Para tanto, seguiremos o seguinte roteiro:



Partimos, como sói acontecer, da lógica ressuscitada que irá se constituir no grande eixo paramétrico a referenciar todos os existentes, atuais e concebíveis. Com

isso, teremos definido a direção e o sentido em que se pode encetar, de maneira conseqüente, a busca do Absoluto. Mas a abertura desta possibilidade, apenas formal, deverá vir ainda acompanhada de dois outros acontecimentos de grande significação para a história humana. De um lado, haverá o despertar de um real desejo coletivo pelo transcendente, acontecimento deveras revolucionário, representando o definitivo abandono da idolatria até hoje vigorante em todas as culturas históricas. De outro lado, haverá a re-significação dramática de uma experiência bem cotidiana, mas geralmente mal percebida: a experiência interpessoal do transcendente, que, como tal, se constitui necessariamente como "experiência de uma ausência ou de uma falta". A convergência destas três poderosas determinações – o desvelamento da direção em que se possa buscar o Absoluto, a re-orientação do desejo coletivo, agora, voltado para o mais alto e a recuperação do sentido da experiência interpessoal da ausência do transcendente – é o que nos irá reto conduzir ao desvelamento pós-idolátrico do Absoluto Uno-Trino-...-Septendecitário (I/D/D/D/D= =I/D/^{4}). A partir daí, não teremos dificuldades em reconhecer, implícitos na lógica dos diversos modos da Revelação Cristãos, os traços que, de algum modo, já antecipam este grande acontecimento da história humana que será, sem nenhuma dúvida, o advento da religiosidade lógico-qüinqüintária.

1. A lógica ressuscitada e a instituição de um eixo onto-lógico aberto

Este trabalho já está de certo modo realizado ([5]). Começa com a recuperação das lógicas segundo a bem estabelecida tradição filosófica: além da unanimemente

reconhecida lógica clássica (aristotélica e simbólica moderna), arrola-se também a dialética (tanto platônica, quanto hegeliano/marxista) e a lógica transcendental (implícita no cogito cartesiano, no criticismo kantiana e na fenomenologia husserliana). Depois, pela constatação da necessidade de se assumir a vigência, para além dessas, de uma lógica da simples diferença. Esta, já se encontrava presente – é de seu feitio, sempre às esgueiras, sempre a meio caminho –, não só na tradição filosófica dos "não conformistas" (Pascal, Kierkegaard, Nietzsche, Ortega y Gasset, Heidegger, Deleuze), mas também em outras áreas do saber, como na psicanálise (desde Freud e especialmente na lógica lacaniana do significante) e também na antropologia estrutural. Na esfera do formalismo acadêmico em voga, como uma honrosa exceção, ter-se-ia também que considerar as poucas lógicas de fato lógicas, embora desviantes, as paraconsistentes (ou paradoxais) e as paracompletas (ou intuicionistas).

Uma arguta re-nomeação destas quatro lógicas de base – que não deixa de ser por isto menos correta e pertinente –, vem, de modo quase natural, sugerir a hipótese que todas as lógicas possam ser geradas a partir de apenas duas: da lógica da identidade (ou transcendental) (I) e da lógica da diferença (D). A geração se daria através da operação de síntese dialética generalizada (/), noção que subsume a "intraduzível" *aufheben* hegeliana ([6]). Com isso são geradas a própria dialética (I/D); a lógica da dupla diferença ($D/D=D/^2$), facilmente identificada à lógicas clássica ou do terceiro excluído; a hiperdialética qüinqüitária ($I/D/D=I/D/^2$); a lógica da tríplice diferença ($D/D/D=D/^3$), e assim por diante, sem descanso.

Sabemos que a seqüência das lógicas (I, D, I/D, $D/D=D/^2$, $I/D/D=I/D/^2$, $D/D/D=D/^3$, $I/D/D/D=I/D/^3$,

...) constitui o mais simples dos **semimonóides livres** ([7]), um evidente sinal de sua profunda essencialidade, tendo-se em conta que o semimonóide é um ente formal ainda mais primitivo do que o mais simples dentre os entes matemáticos – os números naturais.

As lógicas identitárias – I, I/D, $I/D/^2$,... – definem níveis onto-lógicos que se articulariam de múltiplos modos, sendo o mais simples dentre eles aquele que identifica a lógica superior de um nível à lógica inicial (sempre I) do nível imediatamente subseqüente, tal como ilustra a figura 1.

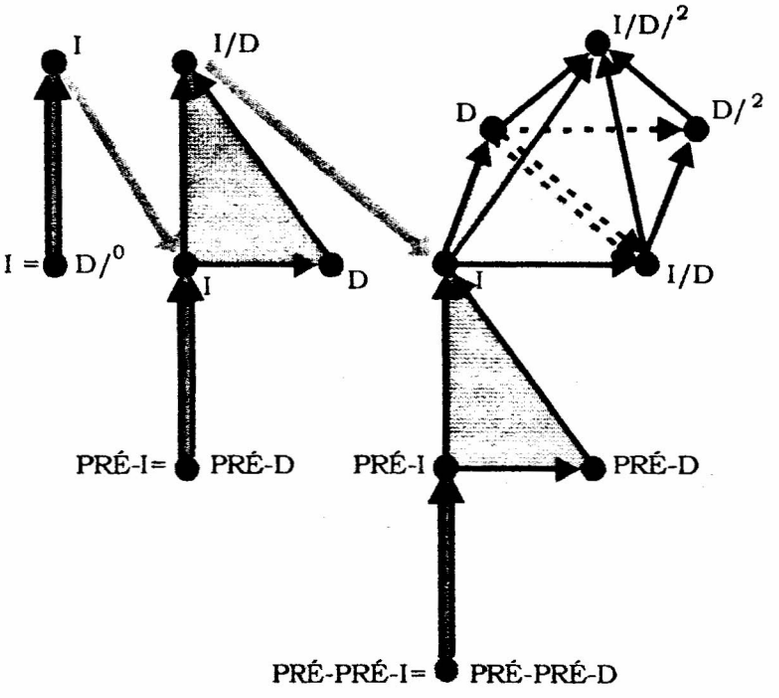


Figura 1 – Encadeamento das estruturas lógicas

Todos os entes mundanos podem ser posicionados nesta escala paramétrica constituída pelas lógicas: o puro ser, na posição I; o ser simbólico e os animais capazes de operá-lo, na posição I/D; o ser discursivo e o

homem, seu exclusivo usuário, na posição superior ($I/D/D=I/D/^2$) e assim tudo mais.

O eixo lógico desvelado, é importante observar, permite também recapitular e estender a verdade da mais vetusta e essencial dentre as correlações filosóficas: aquela que vige entre ser e pensar. Ela remonta a Parmênides, que a institui em nível lógico-transcendental; é retomada por Hegel, em nível lógico-dialético; presentemente a reconhecemos também válida em nível lógico-qüinqüitário. A partir de então, pode o eixo lógico complementarmente assumir um superior caráter onto-lógico.

Em princípio, temos aí uma escala aberta, que nos traz a possibilidade formal de conceber algo para além do humano, dentre os quais poderá estar e imperar o inexcedível, vale dizer, o Absoluto.

Devemos notar que a simples instituição do eixo onto-lógico tem, de imediato, um poderoso efeito profilático conceitual, pois impede, acreditamos que agora definitivamente, que se venha imaginar um Absoluto abaixo do nível humano, ainda mesmo quando se lhe venha atribuir o esturdio caráter de infinitude.

A este respeito, vale a pena citar três equívocos doutrinários bem atuais. O primeiro, bastante comum entre as pessoas "mais educadas" de nossa sociedade, é a recusa em aceitar um Deus de semblante humano – diz-se jocosamente um velho de longas barbas –, estando, entretanto, prontas a aceitá-lo como uma "força" ou uma "energia" cósmica. Um verdadeiro disparate, pois o "velho barbudo" é de estatuto lógico $I/D/^2$, enquanto que forças e energias são de estatuto lógico D (ou, na melhor das hipóteses, pseudo I/D) (8). Como o menor (logicamente) pode criar o maior? O segundo, é o de boa parte dos atuais seguidores do pentecostalismo (9). Ao fazer do homem a arena onde se defrontam o **espírito** de Deus (I/D) e o **maligno** (D), lhe

adjudicam automática e aliás corretamente o estatuto lógico-qüinqüitário ((I/D) x (D)=I/D/^{2}). A grande questão é que deste modo o homem passa a ter um estatuto lógico superior àquele do Espirito Absoluto, o que se nos afigura um absurdo. O terceiro equívoco, aliás muito freqüente na teologia cristã, tanto católica, quanto protestante, é de adjudicar o atributo infinito ao Absoluto, o que só faz obscurecer o seu entendimento, como já tivemos oportunidade de alertar ([10]). A noção de infinito é essencial e irredutivelmente quantitativa. Por exemplo, o número infinito, não é algo além ou acima dos números, mas um verdadeiro número, só que maior que qualquer número que se possa de modo ostensivo apresentar. O mesmo vale para o segmento de reta infinito: ele é necessariamente um segmento de reta, só que maior do que qualquer segmento que se possa efetivamente exibir. O fundamental é pois que o número permaneça qualitativamente número, o segmento, qualitativamente segmento. Isto vale para qualquer tipo de infinito. A esperteza de se introduzir a "noção" de infinito qualitativo é totalmente descabida, pois, como vimos, é da essência de qualquer infinito manter-se qualitativamente o mesmo que o seu finito de referência. Ao contrário do que acreditava Hegel, não há bons e maus infinitos – pelo menos para a teologia. E por que não também para a filosofia? De certo modo, fora do estrito âmbito da matemática, todo infinito é péssimo.

2. Superação da idolatria com o advento da cultura lógico-qüinqüitária

Com a recuperação da lógica em seu sentido tradicional e mais amplo, tornou-se possível, entre outras coisas de grande importância, que se alcançasse uma conceituação precisa do ser humano – o ente lógico-

qüinqüitártio por excelência ([11]). A simples confrontação do homem com todos os demais entes mundanos é o bastante para justificar sua colocação na posição mais elevada do eixo das lógicas, visto que apenas ele é capaz de operar em nível hiperdialético ou lógico-qüinqüitário ($I/D/D=I/D/^2$). O mais avançado dos mamíferos não vai além da capacidade lógico-trinitária ou dialética (I/D), esta que lhe permite operar com símbolos convencionais acabados, mas não com o discurso articulado (ou, o que seria sua principal pré-condição: operar com os conectivos lógico-proposicionais).

A partir daí, a história da cultura pode ser compreendida como o processo do progressivo auto-desvelamento simbólico objetivo do ser próprio do homem ([12]). Toda cultura teria, assim, um essencial e particular comprometimento lógico que em nenhum outro lugar melhor se mostra do que nos princípios dogmáticos de sua religião oficial ou dominante. Esta última seria a expressão simbólica coletivamente objetivada da lógica por ela assumida e sacralizada, e que lhe confere, inclusive, as condições de um efetivo exercício estabilizador da ordem social.

Os tipos (num sentido webberiano do termo) culturais que inauguram cada uma das etapas deste processo de desvelamento são por nós denominados **culturas nodais**.

Além das etapas marcadas por cada uma das lógicas subsumidas pela hiperdialética qüinqüitária (da identidade I, da diferença D, dialética I/D, clássica ou formal $D/D=D/^2$ e a própria $I/D/D=I/D/^2$), seria preciso considerar também etapas históricas precedentes em que não se teria dado ainda um passo objetivo simbólico na direção daquele desvelamento. Elas serão de modo genérico denominadas etapas ecológicas, distinguindo-se uma primeira variante onde prevalece o sentido da identidade com a natureza (cultura da pré-identidade ou pré-I) e, a seguir, uma outra em que prepondera o

sentido da diferença também em relação à natureza, ou seja, onde se "inventa" o trabalho e de imediato o trabalho alienado (cultura da pré-diferença ou pré-D).

O contato cultural, especialmente quando intenso, produziria culturas de tipo misto; a continuidade do próprio processo histórico produziria culturas de transição; a capacidade de longa sobrevivência produziria culturas arcaicas; destes e de outros tipos não-nodais, entretanto, não nos ocuparemos aqui.

Resumidamente, focalizando apenas uma área restrita – o Ocidente e o Oriente Próximo – teríamos a seguinte seqüência de culturas nodais:

pré-I, cultura tribal, dos bandos primitivos de caçadores/coletores do paleolítico;

pré-D, cultura sedentária de base agrária, começando no período mesolítico e alcançando o apogeu com os grandes impérios da antigüidade;

I, cultura judaica, primeira cultura que desvela e alcança a objetivação simbólica do ser lógico em geral;

D, cultura prometéica grega, já capaz de se perguntar pelo ser e pela sua própria lógica (*logos*);

I/D, cultura medieval cristã (patrística), por todos os títulos, uma manifesta síntese das culturas anteriores;

D/², cultura moderna de base científica, que hoje domina o Mundo; e, ainda por vir,

I/D/², cultura hiperdialética qüinqüitária, não castradora, porque, pela primeira vez, uma cultura à medida exata do homem.

Como já visto ([13]), até que chegue a termo o processo de auto-desvelamento lógico da cultura, o dinamismo social tem se nutrindo, ainda que possa parecer paradoxal, de um desejo de regressão a níveis lógicos inferiores ao que teria já sido alcançado pela humanidade, por isso, em essência, um desejo de poder

ou de morte, como se diria no jargão freudiano. Note-se que o mais velho ancestral do desejo de morte é coetâneo à própria instituição da cultura ($I/D/^2$), como desejo de retorno à animalidade (I/D). O que Freud não teve chance de perceber, foi que, chegando a humanidade à altura de si mesma, vale dizer, ao desvelamento de seu privativo ao mesmo tempo que constitutivo caráter lógico-qüinqüitário ($I/D/^2$), não teria ela outra alternativa senão redirecionar este seu desejo mais íntimo, destarte, para cima, pela primeira vez em direção àquilo que lhe fosse verdadeiramente transcendente.

Recordando, deuses já foram o todo ecológico e seus elementos – rios, lagos, montanhas e outros mais –, já foram o Uno e o Uno/Trino, o múltiplo trágico e quando reiterado, destarte, o múltiplo calculável, em geral, infinitamente mais isto e mais aquilo, entrementes, concebidos sempre abaixo da potencialidade lógica do homem, de modo a que jamais escapassem ao estrito controle das instâncias sacerdotais. É precisamente isto que irá definitivamente mudar.

Não há dúvida de que a sacralização da lógica de uma cultura tem por si um papel crucial na estabilidade desta cultura, podendo por isso ser considerado um invariante cultural. Entretanto, o fato da lógica assim simbolicamente sacralizada ter estado reiteradamente abaixo do nível lógico dos homens – em particular dos homens que constituem a classe sacerdotal encarregada de zelar pelo sagrado –, dava ensejo a que estes se aproveitassem maliciosamente da sobredita "superioridade" lógica em seu próprio proveito. Mantendo deus em estado de total submissão podiam exercer um tirânico controle social, fosse de modo direto (por exemplo, sociedades teocráticas da América pré-colombiana, fase primeva da história egípcia etc.), fosse indiretamente, associando-se à plutocracia dominante

(por exemplo, o Brasil, por quase toda sua história). Foi nestas condições, a idolatria ganhou um suplemento de valor que a fez ainda mais prosperar. A cultura Moderna, como suas antecessoras, não falta a este padrão, como mostra a parte esquerda da figura 2.

Entrementes, com o advento da cultura nova lógico-qüinqüitária, a sacralização terá que incidir sobre a própria lógica hiperdialética qüinqüitária, o que automaticamente retira a possibilidade da dominação lógica do sacralizado, inviabilizando, por conseqüência, se fazer da simples administração religiosa um meio de dominação social. Mesmo que ocorresse uma acidental idolatria lógico-qüinqüitária, ou seja, um humanismo sacralizado, ele seria bastante instável e logo superado no processo de busca de uma mais consistente religiosidade.

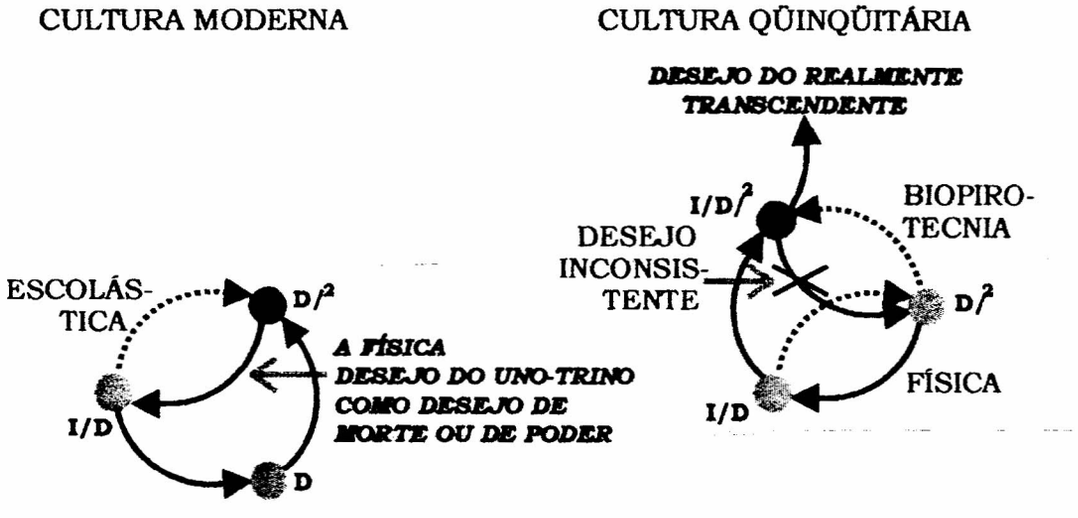


Figura 2. Reversão do desejo na cultura qüinqüitária

Acresça-se ainda que a cultura lógico qüinqüitária não pode, por múltiplas e ponderáveis razões ([14]), sustentar um desejo para baixo – no caso, este seria o desejo do ser-sistêmico abandonado pela lógica D/D, que

se teria deixado subsumir por I/D/D –, tal como veio ocorrendo com as demais culturas. Dentre aquelas razões, destacaríamos o fato que o advento da cultura qüinqüitária representa a chegada a uma destinação, a um estado de transparente autenticidade. Insistir a partir de então num desejo para menos, é decidir pela recusa de si próprio! Em outras palavras, a tensão entre ser e desejo de ser (que antecede mesmo a tensão entre ser e dever ser), que agora com mais precisão caracterizaríamos como **desejo de ser (menos)** não se sustenta na plenitude lógico qüinqüitária, a não ser que o diferencial de ser se re-oriente, se transmude em um novo **desejo de ser (mais)**.

Assim, chegando a humanidade à cultura lígico-qüinqüitária, veremos seu desejo mais profundo se inverter, deixar de ser um desejo de regressão ou de morte para se constituir num desejo de progressão e de vida. Ver parte direita da figura 2.

Isto tudo irá representar uma profunda revolução psíquica e social, na medida em que a humanidade estará desta sorte alcançando pela vez primeira um estágio de autêntica e consistente religiosidade, abandonando para sempre o que foi sua disposição lógico-idolátrica de muitas e muitas eras.

Podemos concluir este item certos da radical solidariedade entre o advento da cultura nova logico-qüinqüitária e a emergência de uma religiosidade radicalmente renovada, com a qual a humanidade terá deixado de lado sua velha disposição idolátrica e seu antigo desejo de poder ou de morte, em favor de um desejo realmente amoroso de **ser mais**.

3. A cotidiana, embora desapercebida, "experiência da ausência" do transcendente

Todos os estudiosos da cultura identificam no homem de todas as épocas a existência de um impulso para o que lhe transcendia, que nomeavam religiosidade. Com a Modernidade, a ciência que tudo invade e calcula, "naturalizou" as formações históricas concretas de religiosidade, tornando-as, destarte, conspícuos objetos do saber científico. Enquanto a religiosidade dos povos primitivos ficava por conta da tradicional antropologia, instituía-se a sociologia da religião para o estudo científico da religiosidade das culturas "mais avançadas".

Para muitos, até tão distantes entre si como Hegel e Comte, a religião seria tão apenas um momento ou estágio de compreensão do mundo, a ser superado pela filosofia ou pela ciência. Com Freud ela é considerada um verdadeiro transtorno psíquico coletivo, uma ilusão obsessiva que o saber psicanalítico (científico!) acabaria por superar, ou melhor, curar.

De fato, se o impulso religioso tivesse como motivação apenas o consolo imaginário diante da finitude (ou da consciência da morte), todos estes críticos da sociedade poderiam ter razão e a religiosidade considerada hoje um fenômeno social em extinção. A nosso juízo, entretanto, a religiosidade tem um fundamente mais radical e permanente, pois estaria baseado numa experiência cotidiana e fundamental de todo o ser humano, que não seria propriamente a do Absoluto, mas de sua gritante ausência. Assim, para nós continuará a fazer sentido falar em religiosidade, mesmo após a era da ciência.

O homem, por ser consciente, ou seja, operar com a lógica transcendental, faz-se portador de uma falta originária correlata à sua inextinguível angústia

existencial. Ser, é ser sempre a beira de um insondável abismo, o Nada.

Isto é muito bem sabido, mas em geral estamos pouco atentos para uma outra falta, que não é de origem, mas de destino ou de significação. Sabemos que a lógica do "espaço" epistemo-lógico ([15]) correspondente a um determinado nível onto-lógico fica determinada pela simples substituição da identidade (I) por uma diferença (D) correspondente à essência do conhecer que é se deixar determinar completamente pelo outro (objeto). Para alcançarmos a lógica do espaço práxio-lógico (ou da ação) correspondente, basta-nos re-incorporar a identidade (I) o que traduz o retorno à cena do ser subjetivo e de seu poder de auto e hétero-determinação.

Assim, por exemplo, a nível do ser objetivo (I/D) o saber correspondente será a ciência ((I/D)/D=D/^{2}) e o agir, a técnica (I/ (D/D)=I/D/^{2}). Semelhantemente, no caso do homem caracterizado como ente lógico-qüinqüitário (I/D/^{2}) as estruturas epistemo-lógica e praxio-lógica respectivas seriam D/^{3} ((I/D/^{2})/D=D/^{3}) e I/D/^{3} (I/(D/^{3})=I/D/^{3}). Ora, estas estruturas – epistemo-lógica e práxio-lógica – não são inteiramente acessíveis ao homem, que sabemos limitado à lógica hiperdialética I/D/^{2}. Como, porém, os demais elementos de ambas as estruturas lhe são acessíveis, as posições lógicas D/^{3} e I/D/^{3} , ainda que não diretamente acessíveis, acabam sendo vivenciadas como falhas ou carências estruturais. Ver figura 3.

Esta é apenas uma descrição em termos lógicos da vivência cotidiana relativas à impossibilidade de compreensão completa do outro e muito menos conseguirmos dominá-lo. Isto deixa mais do que evidente que a condição de escravo, ou mesmo a de neo-colonizado, encerra, no fundo, uma degradação onto-lógica.

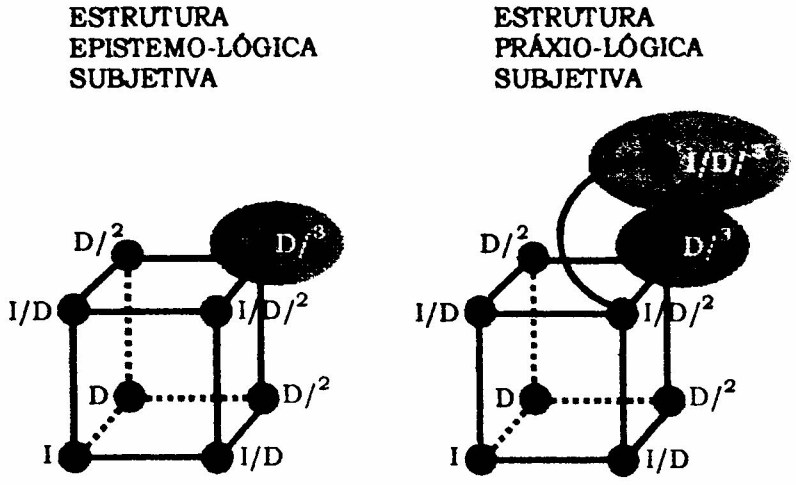


Figura 3 - Falhas estruturais epistemo-lógica e práxio-lógica humanas

Assim, no homem estão presentes dois diferentes tipos de falta, a falta originária ou transcendental e a falta de significação, esta que podemos também denominar transcendente. O reconhecimento deste segundo tipo – falta estrutural – resolve um problema crônico de toda teologia, qual seja, o da abertura para o transcendente, a da identificação de uma motivação concretamente vivida que justificasse a prontidão para a recepção da mensagem revelada, caso contrário, esta poderia facilmente se confundir com uma mera alucinação.

O insistente apelo a um presumido conhecimento por analogia, seja *entis* (S. Tomás), seja *fidei* (K. Barth) ([16]) não passou sempre de um ardil, porque a analogia não é nem pode ser um modo de saber, mas, sim, um modo de expressão, que exige o prévio conhecimento tanto do significado quanto do significante. A falta estrutural por nós assimilada contorna a dificuldade, pois o mais está presente no menos, embora, como falta. Eis aí, pois, a base vivencial real para a admissão, conseqüente busca e aceitação do transcendente.

No plano do saber, não raro sutura-se $D/^3$ com $D/^2$, reduzindo o saber sobre o ser subjetivo a impossíveis **ciências humanas.** No plano da ação procede-se à sutura de $D/^3$ e $I/D/^3$, respectivamente, com $D/^2$ e $I/D/^2$, o que reduz as inesgotáveis práticas intersubjetivas a meras **técnicas de sedução e manipulação.**

Tudo isto nos remete a uma mais precisa conceituação do homem, onde estão co-presentes o ser e seu próprio horizonte:

> *O homem é um ser* ***lógico qüinqüitário****, vale dizer, de nível lógico $I/D/^2$, que se realiza ... num* ***horizonte transcendente****, cujo acesso lhe é facultado pela vivência direta da falta estrutural epistemológica ($D/^3$) e das falhas estruturais práxio-lógicas ($D/^3$ e $I/D/^3$).*([17])

Existem ainda muitos outros modos de se mostrar a presença do referido **horizonte**, alguns mais, outros um pouco menos convincentes; alguns menos, outros um pouco mais próximos da intuição. Não podendo nem necessitando lembrá-los todos, gostaríamos de chamar a atenção para o fato de que a lógica I/D do animal dotado de sistema nervoso central lhe dá acesso ao símbolo já inteiramente convencional (o que não quer dizer não motivado) e que a lógica $I/D/^2$ do homem lhe dá acesso ao discurso que, mais do que constituir um super símbolo, faz emergir o sentido **intensivo** ou contextual. Isto significa igualmente que o homem passa a habitar a linguagem, como diria Heidegger ([18]), devendo-se precisar que a contextualidade aqui implicada é aberta, determinada não só por todos os já ditos, mas igualmente pelo que se possa ainda um dia dizer.

A insistência em que o homem deva incorporar seu próprio horizonte transcendente é de fundamental

importância por múltiplas e importantíssimas razões. Dentre elas, destacaríamos, primeiro, que tal horizonte impede que ele se feche sobre si mesmo, e, consequentemente, que a filosofia acabe se reduzindo a um humanismo e a religiosidade a um panteismo, a exemplo do que aconteceu em Hegel. Depois, porque a presença deste horizonte de ser "junto" ao próprio ser é o que possibilita a emergência e insistência tensional entre ser e deve-ser, consequentemente, da emergência da dimensão ética no mundo. Nota-se então que a emergência da dimensão ética é correlata à vivência do transcendente, o que bem justifica o que dizia o personagem dostoievskiano: "Se Deus não existisse tudo seria permitido."

4. Afinal, Deus depois do adeus às idolatrias

Recordemos. Antes de mais nada instituímos o eixo onto-lógico no qual podiam se distribuir todos os existente mundanos e no prolongamento do qual se poderia buscar coerentemente o Absoluto.

Depois, vimos que com o advento da cultura lógico-qüinqüitária aconteceria a reversão da direção do desejo da cultura, que deixaria de ser um desejo para baixo, desejo de morte e poder, para se tornar um desejo pelo mais alto. Desde então seria toda a força da cultura que nos estaria empurrando em direção ao Absoluto realmente transcendente.

Entrementes, precisávamos ainda de uma efetiva e vivida janela para o transcendente e vimos que isto só era possível como presença de uma falta, que teria por isso que ser uma falta estrutural, uma falha numa configuração cujos elementos nos fossem em boa parte acessíveis. Vimos também que esta era a situação do conhecimento e da ação intersubjetiva – na primeira, nos

é vedado o acesso a um único elemento da estrutura que representa o referencial global daquela situação, que seria ocupado pela lógica $D/^3$; na segunda, nos são vedados dois dos nove elementos estruturais de maior nível, $D/^3$ e $I/D/^3$. Ora são justamente as vivências destas faltas que evidenciam ao homem que ele não se constitui no nível lógico máximo, vale dizer, que ele habita na verdade um espaço onto-lógico que o transcende. Uma conclusão bem diferente daquela de Hegel que atribui ao homem o ser-dialético e faz deste mesmo ser, no seu limite auto-desvelador, o Absoluto – em suma, uma simultânea e paradoxal afirmação de humanismo e de panteísmo. Não é definitivamente este o nosso caso.

Ora, com o estabelecimento dos níveis onto-lógicos – fenomênico (I), objetivo (I/D), subjetivo ($I/D/^2$) – ficava bastante óbvio que o Absoluto precisaria ser buscado no prolongamento desta seqüência onto-lógica. Em princípio, ele poderia ser $D/^n$, com n superior a três ou $I/D/^n$, com **n** superior a dois ([19]). Vamos de pronto abandonar a primeira hipótese porque nela o Absoluto não constitui por si uma instância onto-lógica e também porque ela não preserva, ao fim, a qualidade de ser Uno. Podemos assim restringirmo-nos ao Absoluto concebido como ser-lógico de nível $I/D/^n$ com $n>2$.

Podemos encontrar uma boa pista para a determinação do estatuto lógico do Absoluto se admitirmos, como é quase um consenso, que para Ele, não só ser e pensar são o mesmo, mas que também o são ser e conhecer e ser e agir. Ora se ser e conhecer são o mesmo, ou quase, é porque a estrutura epistemológica correspondente se reduz a D, como no caso do nível fenomênico, onde D é apenas uma referência externa, quando na verdade "sujeito" e "objeto" se mantêm em estado de co-pertinência, vale dizer, ambos na posição I

([20]). O mesmo valeria para o agir absoluto. Se isto, a situação geral dos planos e respectivos níveis seria:

	Nível Fenomên	Nível Objetiv	Nível Subjetivo		Nível Absoluto
Plano onto-lógico	I	I/D	$I/D/^2$	.....	$I/D/^n$
Plano epistemo-lógico	D	$D/^2$	$D/^3$	.....	D
Plano práxio-lógico	I/D	$I/D/^2$	$I/D/^3$	.....	I/D

Para que a distância entre o Absoluto e o homem se mantenha de pelo menos duas diferenças o que dá ao Primeiro uma superioridade fechada, uma autoridade que não pode nem mesmo ser desafiada, e, também, para que seja preservada a máxima simetria do quadro anterior, dever-se-ia fazer n=4, com a introdução de um nível onto-lógico intermediário onde n=3, cujas respectivas estruturas epistemo-lógicos e práxio-lógico seriam $D/^2$ e $I/D/^2$. Teríamos, assim:

	Nível Fenom.	Nível Objet.	Nível Subjet.	Nível Intermd.	Nível Absoluto
Plano onto-lógico	I	I/D	$I/D/^2$	$I/D/^3$	$I/D/^4$
Plano epistemo-lógico	D	$D/^2$	$D/^3$	$D/^2$	D
Plano práxio-lógico	I/D	$I/D/^2$	$I/D/^3$	$I/D/^2$	I/D

Isto é o suficiente para que possamos sacar algumas importantes conclusões teológicas:

a) O Absoluto constituir-se-ia na instância onto-lógica de nível $I/D/^4$ (temos a experiência que tal afirmação suscita freqüentemente reações, como se ela significasse uma limitação à grandeza divina; na verdade tal reação é um mero preconceito quantitativo, mais uma vez o

insistente e condenável vezo pelos infinitos e transfinitos matemáticos!);
b) A tão enfatizada semelhança de homem a Deus ganha aqui sua plena significação, na medida em que as lógicas humanas (I, D, I/D, $D/^2$ e $I/D/^2$) representam, à perfeição, as instância onto-lógicas de Deus Uno-Trino-...-Septendecitário (I, I/D, $I/D/^2$, $I/D/^3$ e $I/D/^4$) (ver figura 4). Notar que isto não se aplica nem mesmo aos entes angélicos (ou demoníacos).

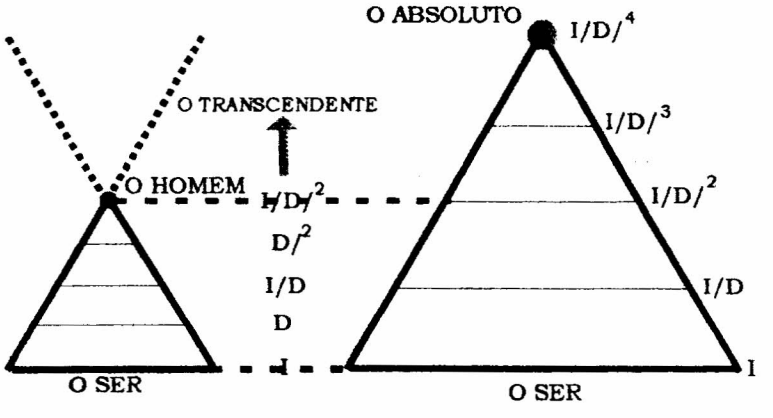


Figura 4 – Semelhança do homem a Deus

c) O Absoluto seria, além de Uno-Trino-Qüinqüitário também Eneário e finalmente **Septendencitário**, pois 17(2x2x2x2+1) são as posições na estrutura lógica de $I/D/^4$;
d) Seu conhecer é um estrito correlato de Seu ser; ambos em estado de co-pertinência na posição I da estrutura epistemológica D; similar em tudo seria também o Seu agir;
e) Existe um nível intermediário entre o do homem e o do Absoluto, que aliás, é reconhecido pela maioria das grandes religiões do mundo, a que damos a denominação de **nível angélico**, aquele próprio tanto a anjos, como a demônios, pouco importa suas existências efetivas.

5. Antecipações - a Revelação Cristã e a Confirmação (e exagerações) do Dogma Mariano

Embora a revelação plena do Absoluto Uno-Trino-...-Septendecitário seja uma prerrogativa reservada à cultura lógico-qüinqüitária, não podemos negar que alguns de seus traços possam já se ter manifestado, ainda que de modo fragmentar e inconsciente, em outras culturas, mormente quando estas pertencem à mesma família. Isto não seria uma novidade na história da cultura, pois, por exemplo, traços do monoteísmo já se haviam manifestado em culturas pré-lógicas, traços da cultura cínica moderna, na cultura trágica grega, assim como traços do trinitarismo cristão, na cultura judaica.

É mais ou menos evidente a razão pela qual a Revelação tenha sido a solução encontrada para que o menor pudesse ascender a algum conhecimento do maior, maior e menor, já sabemos agora, "medidos" em termos de complexidade lógica. Entrementes, até aí o problema permanece, visto que o conteúdo significativo revelado continua, em princípio, excedendo à capacidade lógica do receptor. Deus pode dizer quem de fato é – para Karl Rahner ([21]) a radical inclinação à autocomunicação seria parte mesmo de Sua "essência" –, porém, que homem poderia compreendê-lo em sua plenitude? Quem poderia simplesmente se considerar à altura da mensagem? Trata-se de um paradoxo, pelo menos na aparência, que precisava ser enfrentado pela teologia, mas que, a nosso juízo, jamais o foi. Talvez não por falta de vontade e coragem, mas de um instrumental lógico de suficiente potência para tanto.

Em nossa simbologia, podemos colocar a questão em termos bastante diretos: como é possível ao Absoluto Septendecitário $I/D/^4$ revelar-se aonde, deveras,

logicamente não cabe – no homem qüinqüitário I/D/² ? Pode-se agora vislumbrar uma resposta, conquanto tenha ela seu alto preço, que é não conseguir preservar incólume o estatuto lógico da mensagem. E se não fora assim, pior seria, pois estaríamos nos enleando num paradoxo ainda mais grave do que aquele que tínhamos de partida.

A condição geral para a recepção é que a auto-comunicação divina – especificamente, a mensagem **eu sou o que sou (ou serei)** sendo, no caso, pelo menos **I/D/⁴** – seja fragmentada em "pedaços" todos eles logicamente iguais ou menores do que I/D/². O modo paradigmático de fazê-lo, poderemos facilmente constatar, é que Deus (I/D/⁴), sem deixar de sê-lo, possa existir incarnado como homem (I/D/²) e nesta circunstância venha proclame-se Filho numa configuração trinitária, ou seja, como ocupante da posição D numa estrutura I/D. Nada aqui excedeu ao "tamanho" lógico I/D/², acessível à compreensão humana. A figura 5 ilustra bem tudo que aqui está posto.

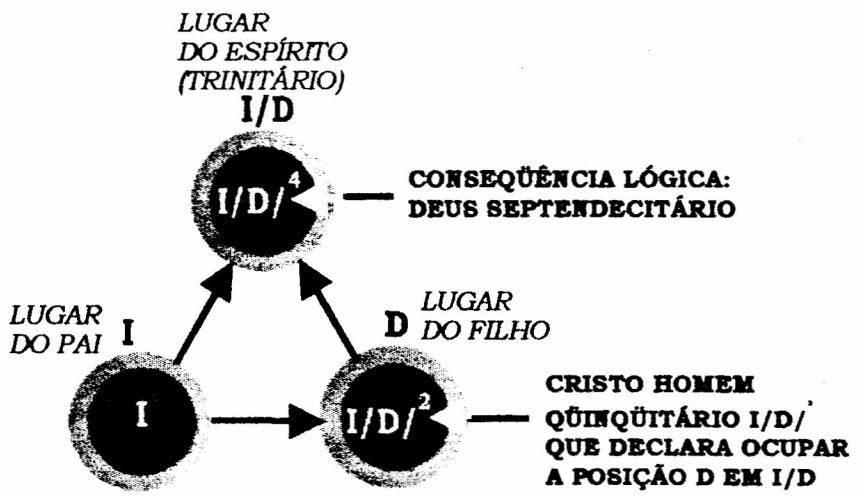


Figura 5 - A Revelação paradigmático – a Incarnação

Atente-se: o receptor da mensagem continua a ignorar o que possa ser, enquanto tal, o Absoluto e seus inexcedíveis poderes, porém, pode agora imaginá-Lo por traz de uma descrição cujos termos e sintaxe lhe são por completo acessíveis. O Absoluto aparece assim como dotado de um conjunto de atributos que são de algum modo **extensões lógicas** – e não analógica ([22]), e muito menos quantitativamente infinitas –, daqueles do próprio homem.

Podemos ainda identificar um segundo modo (na circunstância, mais uma Confirmação do que uma nova Revelação) em que todos os elementos da mensagem revelada se mantêm ainda inferiores a $I/D/^2$. Trata-se da proclamação do Dogma Mariano (1950): Maria, mulher, logo de nível $I/D/^2$, é assunta ao Céu, porém não para ocupar a posição D numa estrutura trinitária I/D, como fora o caso do Filho, e, sim, para ocupar a posição I/D (por isso, tão necessária e insistentemente Virgem) numa estrutura qüinqüitária $I/D/^2$. Ver figura 6.

Em vista do remanejamento onto-lógico ([23]) que necessariamente ocorre na passagem da estrutura trinitária (I/D) à qüinqüitária ($I/D/^2$), o Cristo que ocupava a posição de Filho (D) na Trindade (I/D) vai ocupar a posição de Filho ($D/^2$) na estrutura qüinqüitária ($I/D/^2$). Ele, após a Ressurreição, se constitui membro da Sagrada **Família** ($I/D/^2$) e o seu correlato terreno passa a ser a Igreja, não propriamente uma *eclesia*, mas uma organização ($D/^2$), muito adequadamente denominada Corpo (D) Místico de Cristo (D) – como seria compulsório, uma **dupla diferença.** Maria só poderia ser mesmo assunta para a posição que o referido remanejamento deixara vaga, I/D, posição que sabemos caber necessariamente à filha virgem. Como se vê, a Igreja pode errar em tudo, menos em lógica...

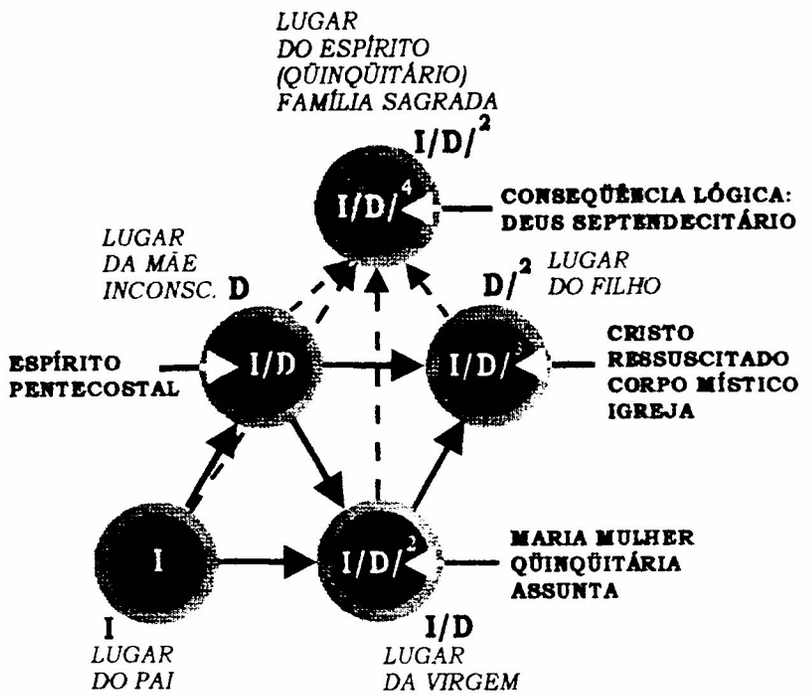


Figura 6 - Revelação (Confirmação) Septendecitária por via do Dogma Mariano

É interessante observar que neste modo revelador a Igreja vai ocupar a posição $D/^2$, isto é, apresentar-se exteriormente como uma organização, enquanto que sua essência lógica passa automaticamente a ser $I/D/D/D=I/D/^3$. Como já mostramos em outra oportunidade ([24]), esta estrutura lógica é manifestamente sobre-humana, diríamos até delirante. Tomando-se por paralelo a sexualidade humana, definidas como as diagonais de $I/D/^2$ (I com $D/^2$, o masculino; I/D com D, o feminino), temos então definidos três modos de ser sexual a nível $I/D/^3$: o primeiro, I com $D/^3$; o segundo, I/D com $D/^2$; o terceiro, $I/D/^2$ com D. À primeira corresponde a figura do Papa, único (I), infalível porque dotado da capacidade de imediata compreensão inter-subjetiva, sobre-humana ($D/^3$). À segunda, o clero, uma comunidade (I/D) dotada do saber científico ($D/^2$). À terceira, os crentes, o grande rebanho reduzidos apenas

I, D, por exemplo. Teríamos então o monóide livre fundamental I, D. I/D, D/D, I/D/D,.... O monóide é um semimonóide em que a operação de identidade é simétrica, agindo igualmente à esquerda e à direita. O monóide livre fundamental seria pois I, D, D/D, D/D/D..., ou seja, a seqüência dos naturais. Ver Sampaio, L. S. C. de, *A matematicidade da matemática surpreendida em sua própria casa, nua, na passagem dos semigrupos aos monóides*, Rio, 1995 (xerografado).

8. SAMPAIO, L. S. C. de, *Apontamentos para uma história da física moderna.* Rio de Janeiro, UAB, 1993/1997. (xerografado)
9. Fui chamado a atenção para o fato por um bolsista, estagiário do DRH da EMBRATEL, que eu chefiava lá pelo ano de 1993.
10. SAMPAIO, L. S. C. de, *Noções de teo-logia.* Rio de Janeiro, UAB, 1997. (xerografado)
11. SAMPAIO, L. S. C. de. *Noções de antropo-logia.* Rio, dezembro, 1996.
12. *Ibid.*
13. SAMPAIO, L. S. C. de *Desejo, fingimento e superação na história da cultura,* Rio de Janeiro, 1998 (xerografado)
14. Existe uma fortíssima razão de simetria que não pode ser aqui convenientemente exposta. Ver SAMPAIO, L. S. C. de *Desejo, fingimento e superação na história da cultura, op. cit.* pp. 47-48.
15. SAMPAIO, L. S. C. de, *Noções de teo-logia, opus cit.*
16. Os resultados a que chega a *analogia fidei*, a nosso juízo, não diferem em muito daqueles que se obtinham por via da *analogia entis*, o que é corroborado por Battista Mondin (*The principle of analoby in protestant and catholic theology*, Hague, 1968) que observa que entre as duas analogias não há outra diferença que aquela da simples ênfase relativa, de um lado, na transcendência, de outro, da imanência de Deus.
17. SAMPAIO, L. S. C. de, *Noções de teo-logia, opus cit.*
18. HEIDEGGER, M. *L'être et le temps.* Paris, Gallimard, 1964. Verespecialmente, cap.V - 34.
19. SAMPAIO, L. S. C. de, *Noções de teo-logia, opus cit.* p.33
20. *Ibid.* pp. 23-24
21. RAHNER, Karl. *Curso fundamental sobre la fé.* Barcelona, Herder, 1984.
22. SAMPAIO, Luiz Sergio C. de. *Noções de onto-teo-logia, 2 v.* Rio de Janeiro, IC-N, 1985, (xerografado). Ver especialmente item *1.2 - Questão de método.* A expressão **onto-teo-logia** no título do trabalho em questão é uma óbvia alusão à **ontoteologia**

heideggeriana, porém, com ela não se confunde; a última identifica-se com a metafisica no seu sentido pejorativo; a primeira, tal como já insinuamos, com o pensar de uma era ainda por vir: era da cultura nova qüinqüitária.

23. Ver SAMPAIO, L. S. C. de 6. *Noções Elementares de Lógica* – Tomo I. Rio de Janeiro, Inst. Cultura-Nova, 1988 e *Noções Elementares de Lógica – Compacto*, Rio de Janeiro, I. Cultura-Nova, 1991 , como também BARBOSA, Marcelo Celani. *As lógicas – As lógicas ressuscitadas segundo Luiz Sergio Coelho de Sampaio.* S. Paulo, Makron Books,1998

24. SAMPAIO, Luiz Sergio C. de. *Dialética trinitária versus hiperdialética qüinqüitária.* Rio de Janeiro, junho de 1995, (xerografado)